

» Entrevista | CIRO GOMES | CANDIDATO À PRESIDÊNCIA PELO PDT

Ex-governador considera “adoração” a político “coisa de povo idiota” e que campanha por voto útil é uma luta de “extermínio”

“Arma-se um grande estelionato eleitoral”

Para o presidenciável **Ciro Gomes (PDT)**, o eleitor está diante de um grande estelionato eleitoral caso prevaleça a polarização entre **Luiz Inácio Lula da Silva (PT)** e **Jair Bolsonaro (PL)**, conforme vêm apontando as pesquisas de intenção de votos. De

acordo com **Ciro**, os dois não têm propostas para o país, daí porque o pedetista enfatizar ser o único na atual disputa que tem um plano para mudar a “tragédia econômica, e a tragédia de governança política, que só faz a corrupção manter sempre no Brasil”.

Na entrevista que concedeu à jornalista **Denise Rothenburg**, ontem, no **CB.Poder** — parceria entre o **Correio** e a **TV Brasília** —, **Ciro** insurgiu-se contra a campanha do voto útil em favor de **Lula** e a comparou a um projeto de aniquilação política. “Me

sinto como um cara objeto de extermínio. Não tem respeito nem pudor, são nazistas mesmo”, afirmou, criticando também o **PT**. Para ele, o eleitor está desorientado “pelo ódio e pela paixão a votar contra o comunismo e contra o fascismo”. E deixou claro que o

debate ideológico “não vai botar comida no prato”.

Na apresentação do seu projeto para a economia, defendeu a taxa de grandes fortunas, de lucros e dividendos de empresas e acionistas e propôs a renegociação das dívidas dos cidadãos.

“Vou pegar uma parte disso para diminuir os impostos da classe média e do povo, e vou aumentar os impostos sobre os super-ricos. Aqui está a chave para resolver a equação fiscal dos brasileiros”, prometeu. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

O senhor promete resolver a vida de quem está com o nome no Serasa. Como o senhor vai fazer isso? E essa proposta vem acompanhada de uma educação financeira?

Tenho um projeto nacional de desenvolvimento e as pessoas, às vezes, pensam que isso é uma proposta à parte. Não, nossa economia não cresce mais. Faz 11 anos que nós estamos crescendo quase zero. E o crescimento da economia vem de alguns fatores: o investimento privado, o investimento público e os caminhos da industrialização. Mas, fundamentalmente, 60% do crescimento da economia quando acontece vêm do consumo das famílias. Se as famílias consomem, o comércio vende mais, contrata mais gente, encomenda mais da indústria; a indústria contrata mais gente, compra mais matéria-prima, a traquitana da economia gira. De onde é que vem o consumo das famílias? Vem de emprego, renda, crédito. Emprego e renda vêm depois que a economia cresce e estão no pior momento de baixa. A renda brasileira está na pior série histórica, nosso salário mínimo é o pior das Américas — só ganha do da Venezuela — e o emprego está aí atolado em 10 milhões de pessoas desempregadas e 5 milhões no desalento. Fui lá no Serasa, foi lá estudar no SPC, etc., e encontrei 63 milhões de pessoas como legado do nacional-consumismo do **PT**. Que dívida é essa? R\$ 4 mil por cabeça. Com o desconto que eu consigo, reduz essa dívida em 90%. Sabe o que é que dá isso? R\$ 400. Chamo o Banco do Brasil e vou financiar via Banco do Brasil. Com isso restauro a condição do crédito popular e começo a ativar a economia para dizer de onde vêm os empregos que eu vou gerar.

Todo mundo diz que é necessário um ajuste fiscal, que ainda não veio, e o Congresso tem um orçamento secreto, que consome os recursos que deveriam ir para as grandes obras. Como tratar disso, uma vez que o PDT é um partido pequeno?

O ajuste fiscal disponível para o povo brasileiro estudar e apoiar, ou não, o único que tem é o meu. Só em linha com a melhor literatura, tem R\$ 300 bilhões por ano para botar no caixa. R\$ 70 bilhões acabam o déficit primário. E os R\$ 230 bilhões, vou pegar uma parte disso para diminuir os impostos sobre a classe média e o povo, e vou aumentar os impostos sobre os super-ricos. Aqui está a chave para resolver a equação fiscal brasileira. O imposto sobre lucros e dividendos empresariais já cobrei quando fui ministro da Fazenda — e só Brasil, Estônia e Colômbia não cobram.

E tem um projeto lá no Senado que o reestabelece...

Vou cobrar, já propus, já cobrei quando fui ministro da Fazenda. Uma progressividade maior no Imposto de Renda, um corte de 20% nas renúncias fiscais. No Brasil, salmão, queijo suíço, filé mig-non não pagam PIS/Cofins na cesta básica do povo. Tudo na base da fraude e da propina. Vou fazer um pente fino nessas renúncias fiscais e acho mais R\$ 70 bilhões, cortando só 20%. Depois vou fazer um tributo sobre grandes fortunas moderado, 0,5% sobre os grandes patrimônios, na pessoa física, maiores do que R\$ 20 milhões. Só 58 mil brasileiros, tamanha é a concentração de renda, serão afetados por esse tributo.

Mas não corre o risco de essas pessoas levarem o que têm para fora do país e não pagar?

Aí é que está: querem ver o satanás e não querem me ver na Presidência da República. Por que? Porque sei cobrar. A alíquota moderada de 0,5%, regulo o IOF que é 0,38%. Então, o camarada, para ir embora, tem que trocar real por dólar. Quando ele faz isso, paga 0,38 de alíquota no IOF. Eu regulo para 0,51 e, portanto, fica muito mais viável ficar aqui do que ir

embora. Arrecado mais R\$ 70 bilhões, R\$ 80 bilhões. Aqui está a saída fiscal do Brasil, o problema é político. Tem duas alternativas do Brasil: fazer o que o (Fernando) Collor, o Fernando Henrique (Cardoso), Lula, Dilma (Rousseff), e (Michel) Temer fizeram. Foram cassados, presos ou saíram desmoralizados, como é um caso do PSDB. Collor governou com essa gente e foi cassado; FHC governou com essa gente e foi desmoralizado; Lula governou com essa gente e foi parar na cadeia; Dilma governou com essa gente e foi cassada; Temer governou com essa gente e foi preso; e Bolsonaro governou com essa gente e está desmoralizado. Não vou por esse caminho, só quero ser presidente do Brasil se for para outro caminho. Qual é o caminho? Propor, fazer com que o voto que é dado a mim seja dado às minhas ideias. Vou fazer um grande e generoso acordo com os governadores e prefeitos. Eu sou muito vivido, muito experiente.

Já foi governador, já foi ministro da Fazenda, ministro da Integração Nacional...

Conheço como é que funciona. Os deputados querem sobreviver, e isso é legítimo. Tem a parte da corrupção, que eu vou enfrentar

com a polícia — isso aí é simples. Mas quero dizer que a maioria não quer roubar, quer sobreviver. E, infelizmente, ou felizmente, nosso povo julga o bom deputado não pelo voto dele a favor da reforma, mas pela escolinha para a comunidade, um ponto de calçamento — e compreendo isso.

Mas fazem isso com emendas.

Vou acabar com as emendas. A emenda do relator acaba no primeiro dia; acaba a roubalheira, acaba o “toma lá dá cá”, acaba a transformação da Presidência da República em esconderijo de ladrão, como é hoje, esses presidentes todos. E vou negociar um generoso acordo de governadores e prefeitos. Porque os deputados sabem que a sobrevivência deles pode ser garantida pelos prefeitos e governadores. O que que dou em troca? Vou renegociar todas as dívidas dos estados e municípios — e, hoje, 23 dos 27 estados estão quebrados. Sabe quanto é? R\$ 600 bilhões é a dívida total dos estados. Sabe quanto é a dívida pública toda? R\$ 7,8 trilhões, menos de 10%. Não estou propondo perdoar. Estou propondo o que os americanos chamam de asset liability management, que é para poder eu falar para a Faria Lima

e tal. Vou rolar essa dívida. Nos quatro anos do meu governo, peço o que vai vencer nesses quatro anos e capitalizo para o fim. Vou deixar essa prestação na mão do governador em troca de um projeto de investimentos, que vai gerar emprego, que vai ativar a economia, e vai me permitir negociar no atacado e não no “toma lá dá cá” com os deputados. Persistindo o impasse, plebiscito popular. O deputado está se sentindo muito desconfortável, tem muita pressão? Me dá a autorização e consulto diretamente o povo, o que o mundo inteiro faz.

O senhor vai enfrentar os bancos e as taxas impossíveis para o cidadão, para o trabalhador, para o empreendedor, para o empresário?

Vou, não pelo prazer de brigar. Essa é a chave para a gente entender, e o problema é que esse sistema financeiro comprou, subornou o processo político. Você vê uma briga violenta de Lula e Bolsonaro, e os dois têm compromisso com o mesmo modelo de governança política. Achem que estão criticando; estou examinando as coisas, que é o papel do político em campanha. O Lula deu o Dnit

(Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes) para o Valdemar Costa Neto roubar. Ele foi preso e condenado no Mensalão. E, hoje, o Valdemar é presidente do partido do Bolsonaro. Esse modelo de governança política é desastroso e já examinamos. E na economia? Câmbio flutuante, meta de inflação, teto de gastos, autonomia do Banco Central, política de preços da Petrobras. Lula se comprometeu a manter a diretoria do Banco Central do Bolsonaro. Ora, isso quer dizer que juro, imposto, câmbio, tudo vai ficar igual. Ele já disse que não vai fazer reforma tributária e quer mudar o Brasil. Mudar como?

Ele não apresentou a proposta econômica ainda.

Tem proposta nenhuma. Mas aquilo que interessa, que é o comprometimento dele, estava lá o (Henrique) Meirelles. Entre Meirelles e (Guilherme) Boulos, você acha que qual dos dois está sendo enganado? Claro que o Boulos, que é um patinho, manipulado. O Meirelles é o homem do modelo econômico, do teto de gastos. Está se produzindo o maior estelionato eleitoral da história. Como fazer para resolver esse problema dos bancos? São



Estou muito chocado com a falta de escrúpulo do Lula e do PT, estou muito chocado, é impressionante. Me sinto como um cara objeto de extermínio. Eles não querem me derrotar: querem me exterminar”